

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: A EFICÁCIA DE INSTRUMENTOS E METODOLOGIAS E SUAS APLICAÇÕES NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM ON-LINE

EVALUATION IN DISTANCE EDUCATION: THE EFFECTIVENESS OF INSTRUMENTS AND METHODOLOGIES AND THEIR APPLICATIONS IN EDUCATION AND ON-LINE LEARNING

Marcelo Tomazi Silveira

Uniasselvi
marcelotomazi@gmail.com

Luz Mary Padilha Dias

Uniasselvi
luzmaryprofessor@gmail.com

RESUMO: Avaliar significa medir, quantificar, comensurar. No âmbito da educação, significa verificar quais habilidades e competências, em determinada área, foram apreendidas pelo estudante. Há variados métodos e sistemas de avaliação, porém as dificuldades para lograr sucesso são muitas. Na Educação a Distância (EAD), essas dificuldades são potencializadas, pois o professor (mais conhecido por tutor) e o aluno não dividem olhares, estão em espaços físicos e geográficos distintos. Verificando essas dificuldades e problemas e relacionando-os na busca por padrões, algumas estratégias de ação podem ser idealizadas. Com base nos sistemas de avaliação aplicados à EAD na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), esses padrões ou métodos foram verificados e relacionados, na busca por estratégias mais eficazes para a obtenção do sucesso na avaliação do aprendizado no âmbito da educação a distância. Propõe-se um sistema híbrido de avaliação, com uso de métodos tradicionais e presenciais, como exames, provas e trabalhos, e também averiguações on-line, síncronas e assíncronas, como chats, fóruns, enquetes, textos colaborativos (wikis) e outras.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a Distância. EAD. Instrumentos de avaliação. Aprendizagem.

ABSTRACT: Evaluating means measuring, quantifying, commensurate. In the field of education, it means verifying what skills and competences, in a certain area, have been apprehended by the student. There are several methods and systems of evaluation, but the difficulties to achieve success are many. In Distance Education (EAD), these difficulties are enhanced, since the teacher (better known as a tutor) and the student do not share looks, are in different physical and geographical spaces. By checking these difficulties and problems and relating them in the search for patterns, some strategies of action can be idealized. Based on the evaluation systems applied to EAD at the University of Vale dos Sinos River (UNISINOS), Lutheran University of Brazil (ULBRA) and the Regional University of the Northwest of the State of Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), these standards or methods were verified and related, in the search for more effective strategies to achieve success in the evaluation of learning in the field of distance education. It proposes a hybrid evaluation system, using traditional and face-to-face methods such as exams, tests and works, as well as online, synchronous and asynchronous searches, such as chats, forums, polls, collaborative texts (wikis) and others.

KEYWORDS: Distance Education. EAD. Evaluation tools. Learning.

INTRODUÇÃO

A avaliação do aprendizado escolar é um processo contínuo, gradual, cumulativo e multifacetado, no qual se buscam verificar ou medir avanços nas habilidades e competências dentro de uma determinada área. Há diversas teorias e pensamentos sobre o assunto, porém não há consenso, especialmente sobre metodologias e sistemas avaliativos. Em outras palavras, o que se deve medir e quando. Entende-se, no entanto, que o debate é crucial para o sucesso dos sistemas de ensino, no geral, e dos métodos de avaliação escolar, em particular. Discutir avaliação é discutir educação. E se no sistema de ensino convencional a avaliação é permanentemente debatida, entre gestores, supervisores, psicopedagogos e professores, entre outros, na Educação a Distância¹ ela converte-se em alicerce para controvérsias, indecisões e imprecisões. Afinal, como “medir”, remotamente, um aprendizado? Como utilizar, se isso é necessário, os instrumentos consagrados de avaliação, como provas e trabalhos? E como alcançar o sucesso dos objetivos educacionais com atendimento a distância?

Nossas reflexões sobre métodos e sistemas de avaliação na EAD² levaram a algumas perguntas importantes. Em primeiro lugar, quais são as principais dificuldades e problemas avaliativos que estão presentes no ensino a distância, que posiciona o aluno/aprendiz e o professor/orientador/tutor em espaços geográficos distintos? Após, verificar a influência ou participação da tecnologia para **maximizar** ou **minimizar** esses referidos problemas operacionais. Depois, agrupar essas dificuldades e problemas com vistas a traçar um perfil de ação. Por fim, apontar possíveis soluções e/ou correções para potencializar os resultados avaliativos na EAD. Na busca por respostas, foram analisados os métodos e sistemas em corrente uso nas seguintes instituições de ensino: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Universidade Regional do Noroeste do Estado do

¹ Segundo o pesquisador José Manuel Moran, “Educação a distância é o processo de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. [...] podem estar **conectados** [grifo nosso], interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet. Mas também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias semelhantes.” (2012)

² A sigla “EAD” foi incorporada progressivamente ao vocabulário técnico no Brasil, porém os termos “ensino a distância” e “educação a distância” aparecem onze vezes na LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Os dados foram cruzados, comparados e relacionados, e serviram de base para a proposta de uma **estratégia** de avaliação para o Ensino a Distância.

AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO: UMA REVISÃO NECESSÁRIA

A maioria dos dicionários define o verbo “avaliar” como determinar valia ou valor de alguma coisa ou alguém, também apreciar ou estimar o merecimento de algo, bem como calcular, computar, supor, reconhecer (a grandeza, a intensidade, a força) e ajuizar. A valia está relacionada ao mérito ou merecimento e também à importância. Percebe-se que por trás da avaliação há um sistema de forças excludentes, um poder atribuído pela sociedade a poucos para que separem os capazes dos (ainda) incapazes, “calculando” sua habilidade para fazer algo. Ao perceber uma nova habilidade, o avaliador “reconhece”, no sentido de quem averiguou, e atribui, perante a sociedade, um valor¹, podendo ser uma nota, um carimbo, uma assinatura, um atestado, etc. Nos sistemas de ensino, a valoração também virou validação e está relacionada, intrinsecamente, à mensuração dos conhecimentos adquiridos pelos alunos naquela etapa, unidade, conteúdo ou matéria. Bloom, Engelhart, Furst et. al. definem a avaliação como um “[...] processo de julgamento acerca do valor de idéias, trabalhos, soluções, métodos, materiais, etc. realizados com um determinado propósito. Implica no uso de critérios e de padrões [...]”, o que significa que um **sistema** [grifo nosso] tem que ser desenvolvido e aplicado para melhor alcance dos resultados (1979, p. 157).

O termo “avaliação educacional” entrou para o vocabulário das escolas com os trabalhos de Ralph Winfred Tyler, por volta de 1940, quando este desenvolveu análises sobre uma nova concepção de ensino e aprendizagem. O autor percebeu que a avaliação era um caminho prático e direto para se estabelecer comparações entre os objetivos educacionais e os resultados alcançados. Ou seja, deveríamos “medir” o quanto esses objetivos estão sendo realmente alcançados pelo currículo em ação. Eis a medida, o valor. No ponto

¹ O professor Letácio Jansen, em seu texto “Um breve ensaio sobre o valor”, comenta a vulgarização do termo em nossa sociedade imediatista: “O Google registra cerca de 814 milhões [o texto foi escrito em 2008] de entradas com a palavra *value*; 86 milhões com a palavra *valor*; 70 milhões com a palavra *wert*; 40 milhões com a palavra *valeur* e 23 milhões com a palavra *valore* o que evidencia a vulgarização, atual, da noção de valor.”

“A”, o estudante não passou pelo programa de ensino, portanto não apresenta elementos para avaliação. Mas no ponto “B” ele já foi submetido aos objetivos curriculares ou conteúdos, dessa forma tem um “valor” novo para ser medido. Vejamos as palavras de Tyler:

Esta concepção de avaliação tem dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, ela implica que a avaliação deve apreciar o comportamento dos estudantes, visto ser uma mudança desse comportamento o que se busca na avaliação. Em segundo lugar, ela implica que a avaliação deve envolver mais do que uma simples apreciação de qualquer momento dado, uma vez que, a fim de verificar se ocorreu mudança, é necessário fazer uma apreciação na fase inicial e outras mais tarde, para identificar as mudanças que talvez estejam se processando. Em face disso, não se está capacitado para avaliar um programa de ensino quando os alunos são testados apenas no fim do programa. Sem saber quais eram as condições dos estudantes no início não é possível determinar em que medida houve modificações. (1978, p. 99)

O modelo *tyleriano* prevê uma medição contínua, desde o ponto “A” até o ponto “B”, porém foi subvertido pelos sistemas escolares e transformado na verificação final de habilidades e competências, o exame final, que é, por natureza, uma avaliação somativa e classificatória, aquela que contribui menos para a compreensão geral do sucesso dos objetivos educacionais. Tyler previu uma avaliação contínua, balizada por variadas ferramentas e métodos, constituindo-se um momento crucial para moldar e adaptar os programas de ensino. Importante que as estratégias sejam contínuas e diversificadas, pois “[...] quando falamos em avaliação, não temos em mente um método único, nem mesmo dois ou três métodos de avaliar. Qualquer meio de obter dados [...] é um procedimento apropriado de avaliação.” (ibidem, p. 101). A professora Jussara Hoffmann também entende essa dinâmica da avaliação:

Uma nova perspectiva de avaliação exige do educador uma concepção de criança, de jovem e adulto, como sujeitos de seu próprio desenvolvimento, inseridos no contexto de sua realidade social e política. Seres autônomos intelectual e moralmente (com capacidade e liberdade de tomar suas próprias decisões), críticos e criativos (inventivos, descobridores, observadores) e participativos (agindo com cooperação e reciprocidade). Nessa dimensão educativa, os erros, as dúvidas dos alunos, são consideradas como episódios altamente significativos e impulsionadores da ação educativa. Serão eles que permitirão ao professor observar e investigar como o aluno se posiciona diante do mundo ao construir suas verdades. Nessa dimensão, avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas. (1995, p. 20)

Dessa forma, o ato avaliativo é constante, permanente, durante toda a convivência professor-aluno, aluno-escola. Conclui Jussara que “a avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo (como hoje é concebida) para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento.” (Ibidem, p. 21).

Celson Antunes, partindo das definições de Tyler (1978), Bloom, Hastings & Madaus¹ e também Ausubel, Novak & Hanesian², resume que

Todos esses autores concordam que toda avaliação do rendimento escolar envolve procedimentos de coleta [as provas, trabalhos e testes], organização e interpretação de dados de desempenho, que representa uma forma de **juízo** [grifo nosso] e, finalmente, que o aluno representa o objetivo central da avaliação. A ideia de avaliação do rendimento escolar, dessa maneira, associa-se a uma concepção de conhecimento mas também à emissão de juízo de valores; é portanto bem mais complicado que procedimentos de medição e, como decorrência desse juízo, a tarefa do professor ao avaliar exige competência, discernimento, equilíbrio, além, é claro, de conhecimentos técnicos. (2010, p. 10)

Para auxiliar o professor, Celso Antunes elaborou uma lista de funções da avaliação do rendimento escolar:

- a) Identificar pontos fortes e pontos fracos nos programas curriculares, visando seu aperfeiçoamento e progressiva adequação às mudanças tecnológicas e sociais que constantemente ocorrem;
- b) Identificar métodos de ensino, material escolar utilizado e recursos empregados no processo educativo, proporcionando bases para a melhoria crescente e continuada do currículo;
- c) Identificar necessidades e capacidades dos alunos quanto as suas competências e inteligências visando uma orientação individual;
- d) Identificar pontos específicos do programa educacional e que exigem maior cuidado para alguns alunos ou grupos de alunos;
- e) Informar aos alunos e a sua família os diagnósticos colhidos, transformando-os em grandes agentes no sentido de seu aperfeiçoamento;
- f) Fornecer base para que a equipe docente localize deficiências na estrutura do ensino e tome decisões no sentido de aperfeiçoamento do trabalho visando a eficácia de seus esforços instrucionais, na melhor capacitação de cada professor e na melhora crescente do processo ensino-aprendizagem;
- g) Fornecer a todos os elementos relacionados com o processo de educação [...] conhecimentos da ação educativa desenvolvida, para que ajudem decidir quais práticas devem continuar e quais modificar, tendo em vista a obtenção dos objetivos do ensino;

¹ Do já clássico *Handbook on formative and summative evaluation of student learning*, com quase mil páginas, de Benjamin S. Bloom, John Thomas Hastings e George F. Madaus, publicado pela McGraw-Hill em 1971.

² Autores que desenvolveram teorias sobre a “aprendizagem significativa” (reunidas no livro *Educational psychology: a cognitive view*, de David Paul Ausubel, Joseph Donald Novak e Helen Hanesian, cuja segunda edição foi publicada pela Holt, Rinehart & Winston em 1978).

h) Favorecer os alunos no sentido de aprenderem a autoavaliar [...] seus próprios resultados da aprendizagem. (Ibidem, p. 37-38)

Apesar de modernamente entendida como “processo”, a avaliação ainda é medida e peso, quantidade e não qualidade. O que favorece a implantação de um sistema fechado, hierárquico e excludente. Outro pensador que estudou metodologias de avaliação foi o sociólogo e professor da Universidade de Genebra, Suíça, Philippe Perrenoud. Ele compara a avaliação a um sistema de trocas, uma transação que

[...] se baseia no conjunto do trabalho escolar e do funcionamento da turma. Assim, certos alunos esperam que sua simples participação nas atividades seja recompensada e que a nota atribuída a uma prova seja proporcional ao esforço despendido para se preparar para ela. Os professores querem julgar o desempenho, qualquer que seja o investimento, mas aceitam, para ter paz ou por sentimento de justiça, dar “um ponto pela presença” ou reconhecer a boa vontade. (1999, p. 34)

Perrenoud não vê a avaliação como mera tomada de informações sobre uma turma ou classe, muito menos como uma simples medida do valor escolar, o peso de ações e reações que gera, em resposta, signos que classificam. Perrenoud vê o **conflito** inevitável entre:

- por um lado, as estratégias do professor, que quer estimar “o que vale realmente tal aluno”, fazê-lo saber disso, mas também mobilizá-lo e fazê-lo aderir à avaliação de que é objeto;
- por outro lado, as estratégias do aluno, que quer mostrar mais, mascarar suas lacunas, evidenciar seus pontos fortes e “receber o que merece”, em outras palavras, ser recompensado pelo esforço. (Idem)

Há um jogo de forças no sistema de ensino, o que torna as propostas de avaliação um mecanismo cambiante, ora entre os interesses do jovem aluno, ora entre os **objetivos** e **intenções** do currículo posto em ação pelo professor e preparado pela escola – o currículo oficial. Quanto maiores as diferenças entre os interesses e objetivos, maiores os conflitos. E ainda que professores e gestores tenham um dia sido alunos como os que hoje ensinam, essas barreiras não diminuem. Porém o debate constante parece estar transformando os mecanismos e métodos de avaliação. A quantidade a ser medida ou valorada deixa espaço para a qualidade, a profundidade do exercício crítico e a continuidade e flexibilidade do processo que é construído, sob o teto da sala de aula, a partir da apresentação dos conteúdos e a formalização das ferramentas

pedagógicas, inclusive as de avaliação, o que leva os agentes, professores e alunos, ao (re)conhecimento de seu aprendizado.

Porém se a segurança da sala de aula pode favorecer as trocas necessárias ao processo de avaliação, como ocorrem as avaliações no ensino a distância? Como professor e aluno dialogam e estabelecem as “regras” avaliativas, se a liberdade de expressão pode favorecer o improviso desmedido, o desleixo, o plágio e a ação protocolar? As forças em jogo mudam estratégias e, sobretudo, mecanismos e adaptam-se aos meios que comunicação que guiam esses novos sistemas de ensino, como veremos a seguir.

AValiação NA EAD: NOVAS FERRAMENTAS PARA VELHOS PROBLEMAS

O Ensino a Distância trouxe uma nova dinâmica para as atividades educacionais. Apoiando-se em meios de comunicação diretos e indiretos, como cartas, apostilas, vídeos, áudios, rádio, televisão e, recentemente, a Internet, a EAD vem avançando por espaços até então não alcançados, literalmente. Em qualquer lugar no qual exista serviço de correios, sinal de rádio ou TV, satélite ou Internet veloz, há as condições de tecnologia e comunicação para servir de base ao ensino a distância. Fronteiras foram quebradas na busca por maior alcance e universalização. Alunos geograficamente afastados ou com horários de trabalho muito intensos encontraram oportunidade para estudar. Porém novos sistemas exigem novos métodos e procedimentos. A avaliação, outrora baseada em mecanismos tradicionais, como provas dissertativas e orais, pesquisas e trabalhos em grupo e questionários de múltipla escolha, esbarra agora no perfil de um novo aluno, geograficamente afastado, e nas condições impostas pelos sistemas de tecnologias da informação e comunicação¹ (TIC). Assim, “[...] a realização de avaliações a distância torna-se um processo mais complexo, visto que não conta com o ‘*feedback* das interações face a face’² que

¹ As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) correspondem a todas as tecnologias que interferem nos processos informacionais e comunicativos dos seres. Ainda podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos, relacionados com a comunicação, integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de *hardware*, *software* e telecomunicações, a automação e a comunicação da pesquisa científica e do ensino e da aprendizagem. (*Wikipédia*. Disponível em <<http://goo.gl/FL2QL>> Acesso em 13 mar. 2012)

² As autoras estão citando: OTSUKA, J. L.; LACHI, R. L.; FERREIRA, T. B.; ROCHA, H. V. da. Suporte à avaliação formativa no ambiente de educação a distância *Te/Educ*. In: VI Congresso Iberoamericano de Informática Educativa, 2002, Vigo. Atas do VI Congresso Iberoamericano de Informática Educativa, 2002.

podem fornecer indícios da compreensão e interesse dos alunos”, conforme observado por Rosilâna Dias e Lígia Leite (2010, p. 73).

Continuam as autoras:

[...] a EAD deve proporcionar aos alunos o desenvolvimento da autonomia crítica frente a situações concretas e não uma mera reprodução de ideias ou pontos de vista disseminados pelo material didático ou pelos professores. Além disso, é necessário desenvolver a autoconfiança no aluno, uma vez que não há a presença física do professor. (Ibidem, p. 74)

Com a necessidade de novas abordagens e estratégias, os métodos tradicionais de avaliação foram revistos e adaptados. É preciso levar em conta os meios de comunicação, os mecanismos tecnológicos e o projeto pedagógico do curso EAD. Assim a avaliação somativa¹ tradicional, aquela que agrupa um conjunto de conteúdos em uma avaliação geral de capacidades e competências, deu espaço à avaliação formativa² ou contínua. De fato,

[...] esta forma de avaliação tem relevância ainda maior, possibilitando o acompanhamento do aprendiz mesmo sem o *feedback* das interações face a face. Portanto, um dos maiores desafios [...] é estabelecer metodologias de avaliação que envolvam todo o processo de ensino-aprendizagem de forma sistemática, contínua e abrangente. (Ibidem, p. 75)

Elaborar ou adaptar estratégias de avaliação não é tarefa fácil. Dadas as condições do ambiente virtual³ no qual as aulas acontecem, devem-se buscar, sobretudo, atividades de cunho mais **cooperativo** (com participação de vários sobre o tema/assunto de um), **interativo** e **dialógico**. Sem contar toda a independência e autonomia necessárias ao estudante dessa modalidade. Susan Kratochwill afirma que é buscado, “[...] em estudos sobre avaliação, o referencial necessário para embasar a perspectiva de uma avaliação dialógica dinamizada

¹ “Tipo de avaliação que ocorre **ao final** [grifo nosso] da instrução com a finalidade de verificar o que o aluno efetivamente aprendeu. Inclui conteúdos mais relevantes e os objetivos mais amplos [...]; visa à atribuição de notas; fornece *feedback* ao aluno (informa-o quanto ao nível de aprendizagem alcançado), se este for o objetivo central da avaliação formativa; e presta-se à comparação de resultados obtidos com diferentes alunos, métodos e materiais de ensino.” AVALIAÇÃO SOMATIVA. In: MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix, 2002. Disponível em <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=299>> Acesso em: 13 mar 2012.

² “Tipo de avaliação que ocorre **durante** [grifo nosso] o processo de instrução. Inclui todos os conteúdos importantes de uma etapa da instrução; fornece *feedback* ao aluno do que aprendeu e do que precisa aprender; fornece *feedback* ao professor, identificando as falhas dos alunos e quais os aspectos da instrução que devem ser modificados; e busca o atendimento às diferenças individuais dos alunos e a prescrição de medidas alternativas de recuperação das falhas de aprendizagem.” AVALIAÇÃO FORMATIVA. MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Op. Cit.

³ Ambiente Virtual de Aprendizagem ou “AVA”, como é mais conhecido.

em ambiente de aprendizagem *on-line*.” (in: DA SILVA, 2009, p. 147). Continua a autora:

No intuito de potencializar tais características, busca-se ressaltar na avaliação os aspectos dialógicos essenciais para a definição dos instrumentos e dos processos avaliativos. Os recursos tecnológicos oferecidos no AVA podem **potencializar** novas práticas de avaliação, posto que os dispositivos e interfaces digitais propiciam a **interação**, a **interatividade** e a **dialogia** [grifos nossos] necessárias para fazer da avaliação uma subsidiária do planejamento e da execução, um instrumento que auxilia na melhoria dos resultados, conseqüentemente auxiliando na construção do conhecimento. (Ibidem, p. 147-148)

O processo de avaliação, além de contínuo, deve ser dialógico¹, ou seja, um caminho de duas vias, com emissão e recepção em pulsos. Não se trata da comunicação entre “A” e “B”, mas de um contínuo estar/permanecer no ponto intermediário “AB”. Essa estrutura verdadeiramente interativa que o AVA possui torna-o único, com uma amplitude que a comunicação presencial jamais terá. Imersos no AVA, aluno e tutor dialogam, trocam, constroem, exercitam, pesquisam, discutem, debatem e, inclusive, avaliam. Susan Kratochwill continua sua defesa dos ambientes virtuais:

É de extrema importância reconhecer que o ambiente digital, conectado à internet, predispõe a pressupõe possibilidades **colaborativas, interativas** [grifos nossos] e autorais infundáveis, com base em sua plasticidade, fontes de dados, informações e recursos, através de momentos síncronos e assíncronos que vêm corroborar não com uma, mas com inúmeras possibilidades construtivas. Engajar a avaliação dialógica neste contexto seria extremamente viável se não tivéssemos que repensar posturas, processos e instrumentos que contemplassem tal dinâmica. (Ibidem, p. 149)

Explorar o potencial dialógico e colaborativo dos ambientes virtuais é a chave para construir um sistema avaliativo eficaz. Porém sempre nos perguntamos se professores e alunos estão realmente preparados para esse “novo mundo”. Há dificuldades técnicas diversas, conhecimentos específicos que ambos devem dominar. Por isso os ambientes virtuais também devem ser alvos de avaliações periódicas, visto que

A avaliação de AVAs não é uma tarefa simples, pois exige domínio de conhecimentos teóricos e práticos em diferentes campos do saber, tais

¹ **Dialogismo** é o que o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin define como o processo de interação entre textos, tanto na escrita como na leitura. O texto não é visto isoladamente, mas sim correlacionado com outros discursos similares e/ou próximos. Pode se dizer que os interlocutores, ao colocarem a linguagem frente um a outro, produzem um movimento dialógico. Já o diálogo, também segundo Bakhtin, pode ser definido como “toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”. (Wikipédia. Disponível em <<http://goo.gl/PmWma>> Acesso em 13 mar. 2012)

como educação, psicologia, computação, ergonomia, entre outros. Dessa forma, a avaliação de tais ambientes deve contemplar diferentes dimensões, dentre as quais destacam-se as pedagógicas e as tecnológicas. (Ibidem, p. 84-85)

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA EAD

As atividades *on-line* devem ser, preferencialmente, colaborativas e dialógicas, como já vimos, e os recursos disponíveis nos ambientes virtuais são inúmeros. Professores e tutores podem desenvolver atividades síncronas e assíncronas, muitas das quais são adaptações de eventos que acontecem no mundo dito “real”, como *chats* (conversas entre duas ou mais pessoas), fóruns (debates generalizados e hipertextuais), enquetes, jogos digitais, listas de discussão, dinâmicas de grupo, *wikis* (textos de construção colaborativa), etc. O bom uso dessas ferramentas, às vezes o único contato entre professores e alunos, depende de como os agentes as conhecem e de como o curso ou disciplina foi preparado para funcionar, com previsão de atividades “X” em tempo “Y”. Rosilâna Dias e Lígia Leite descrevem as três modalidades principais para as avaliações em cursos a distância:

- Presencial: a avaliação é feita por meio de uma prova, na presença de um formador [tutor] ou de outra pessoa responsável, para garantir a legitimidade da mesma;
- Virtual com aplicação de testes *online*: a avaliação é feita por meio de mecanismos de testes *online* a serem respondidos e enviados posteriormente para o formador por meio de *e-mail* ou de formulário de envio;
- Avaliação ao longo do curso (contínua): a avaliação é feita de modo contínuo, baseada em componentes que forneçam subsídios para o formador avaliar seus aprendizes de modo processual, tais como as atividades realizadas, os comentários postados, as participações em grupos de discussão e em *chats*, as mensagens postadas no correio, etc. (Op. Cit., p. 76)

A avaliação virtual será a somativa, aquela realizada periodicamente para averiguar a apreensão de um determinado conteúdo. A de longo curso ou contínua é a avaliação formativa, periódica e diagnóstica, que depende, nesse caso, do acompanhamento das atividades *on-line* do estudante, como participações em fóruns, listas, *chats* e outras. Importante destacar que uma boa coleta de dados sobre o “desempenho” do aluno em atividades virtuais fornecerá

elementos para uma avaliação mais justa e igualitária. As autoras, citando Moore e Kearsley¹, importantes teóricos da EAD, reforçam essa ideia:

[...] o sucesso de toda iniciativa em EAD **depende** [grifo nosso] de um sistema eficaz de monitoramento e avaliação, pois estes procedimentos é que darão pistas sobre as dificuldades dos alunos. [...] são três as características de um bom sistema de ensino a distância: especificação preliminar de objetivos de aprendizagem, elaboração e gerenciamento dos trabalhos apresentados pelos alunos – as tarefas – e, finalmente, boa qualidade na coleta de dados e sistema de relatórios. [...] A forma de avaliação adotada em um curso na modalidade da EAD perpassa pela concepção de aprendizagem subjacente ao mesmo. Levar o aluno a construir seu próprio conhecimento é tarefa árdua. Avaliar esse processo de construção, no entanto, não se trata apenas de cumprir uma exigência legal, mas, sobretudo, de contribuir eticamente para o sucesso de ensino-aprendizagem. (Ibidem, p. 76-77)

Dessa forma, verificamos que a participação do aluno nas atividades virtuais deve ser monitorada, regulada e computada. Os dados são fundamentais para a equipe de ensino EAD (professor-autor, tutor-virtual, tutor-presencial e outros), pois eles poderão ser a medida, o diferencial de uma atividade educativa *on-line* bem-sucedida. Prever que o estudante seja voluntário e busque envolvimento “sem recompensa” é, em primeiro momento, arriscado, pois esse jovem aluno provavelmente seguirá as disposições do curso EAD, agindo protocolarmente. Cabe à equipe de ensino dar suporte, verificar participações, cobrar resultados em tempo previsto (postagens em fóruns, por exemplo), etc. Muitas vezes o aluno, ainda que precise ser instrumentalizado, aos poucos, para fazer uso de sua autonomia pedagógica, espera que a instituição dê um suporte mais efetivo aos seus atos. Isso porque ele tem a experiência do ensino presencial clássico, levando essas expectativas para a modalidade a distância. Não se pode esperar que, de imediato, o aluno seja ativo e participativo. Ele espera o acompanhamento dos professores. Fará uso de sua autonomia aos poucos, visto que esse processo é gradual e permeado por quebras de paradigmas. Portanto toda sua participação em atividades obrigatórias *on-line* deve ser “medida”, constituindo matéria-prima para as avaliações.

¹ In: MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

Dos três momentos avaliativos defendidos por Rosilâna Dias e Lígia Leite, as avaliações presenciais, as virtuais somativas e as formativas ou contínuas, as primeiras são as únicas regidas por lei. O Decreto nº 5.622, de 2005, já em seu Capítulo I, Artigo 1º, Parágrafo 1º, estabelece que “a educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a **obrigatoriedade** [grifo nosso] de momentos presenciais para [...] avaliações dos estudantes.” (2012). E continua no Artigo 4º: “a avaliação do desempenho dos estudantes para fins de promoção, conclusão de estudos e obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo, mediante [...] realização de exames presenciais.” (Idem). Por fim, no Parágrafo 2º do mesmo artigo, fica estabelecido que “os resultados dos exames citados [...] deverão prevalecer sobre os demais resultados obtidos em **quaisquer outras** [grifo nosso] formas de avaliação a distância.” (Idem). Porém, apesar da obrigatoriedade e prevalência dos exames presenciais, quase sempre as avaliações somativas de final de módulo, disciplina ou curso, as avaliações continuadas são fundamentais para o sucesso pedagógico de um curso a distância. Não se trata de cumprir lei, como já observado, mas de realizar a melhor experiência possível de educação *on-line*. Inclusive o próprio Ministério da Educação, em seus “Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância”, de 2007, prevê um acompanhamento mais efetivo por parte das instituições, apesar de não ter caráter de lei:

Na educação a distância, o modelo de avaliação da aprendizagem deve ajudar o estudante a desenvolver graus mais complexos de competências cognitivas, habilidades e atitudes, possibilitando-lhe alcançar os objetivos propostos. Para tanto, essa avaliação deve comportar um processo **contínuo** [grifo nosso], para verificar constantemente o progresso dos estudantes e estimulá-los a serem ativos na construção do conhecimento. Desse modo, devem ser articulados mecanismos que promovam o permanente **acompanhamento dos estudantes**, no intuito de identificar eventuais dificuldades na aprendizagem e saná-las ainda durante o processo de ensino-aprendizagem. (2012, p. 16)

Dessa forma entendemos que o processo de avaliação, constituído de momentos presenciais e não-presenciais, deve ser **contínuo e permanente**, estimulando a participação, a interação e o trabalho colaborativo entre os estudantes.

ANÁLISE DOS MÉTODOS DE AVALIAÇÃO DA UNISINOS, ULBRA E UNIJUÍ

Nos últimos anos, a maior parte das faculdades e universidades passou a oferecer cursos na modalidade a distância, sem contar os cursos técnicos, de idiomas, formações livres, etc. Sendo forte tendência no campo do ensino, a EAD passou a fazer parte do cardápio dos gestores preocupados com atualização, concorrência e, porque não, lucros maiores. A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) possui já na página de abertura um *link* específico para sua oferta de cursos EAD, acessível pelo endereço www.unisinos.br/ead. A metodologia de ensino é baseada “em atividades de interação e cooperação entre professor e alunos, e dos alunos entre si, por meio das ferramentas e dos espaços disponíveis nas comunidades virtuais de aprendizagem”, informa o sítio da instituição¹. Novamente vemos destaque para a interatividade e a cooperação, essenciais para essa modalidade de ensino. Interessante a UNISINOS chamar o seu ambiente virtual de “comunidade”, o que reforça as trocas e experiências cooperativas espontâneas, sem intermediações de professores ou tutores. Quanto às avaliações, “são virtuais e avaliativas [sic]”, correspondendo a dois momentos, um formativo e o outro somativo, chamados Graus A e B. A avaliação somativa é realizada presencialmente, como manda a legislação, “e se constitui de uma prova de conteúdo acumulativo”. Para recuperar notas, se necessário, o aluno faz o Grau C, também presencial, mais um exame somativo. Percebe-se claramente uma ênfase nas tradicionais provas e exames classificatórios e não-diagnósticos. A UNISINOS não especifica como serão os momentos de avaliação formativa, que acontecem *on-line* a cada bimestre letivo, e também não menciona se a participação em atividades virtuais será valorizada no fechamento das notas.

A Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) vem atuando na educação a distância desde 2003, oferecendo vários cursos de graduação e pós-graduação. A ULBRA Possui plataforma própria de ensino, a *NetAula*². A metodologia prevê

¹ Disponível em: http://www.unisinos.br/ead/index.php?option=com_content&task=view&id=146&Itemid=32&s=6 Acesso em: 24 nov. 2011.

² Já a UNISINOS utiliza a plataforma gratuita *Moodle*, desenvolvida especialmente para o EAD. “*Moodle* é um sistema de gerenciamento de cursos projetado para ajudar educadores que querem criar cursos *on-line* de qualidade. O *software* é usado em todo o mundo por universidades, escolas, companhias e professores

a “interação contínua entre professores, especializados em diversas áreas do conhecimento, e tutores”¹, ou seja, a ULBRA especifica a presença desses dois agentes importantes no desenvolvimento das atividades *on-line*, o professor especializado, que pode ser o autor da disciplina ou curso, e o tutor, encarregado do acompanhamento dos alunos. Alguns sistemas EAD não separam professor e tutor, os dois termos significam a mesma coisa. A ULBRA desenvolveu um sistema híbrido de atividades, que passa por videoaulas, material impresso e interações no ambiente virtual. É no ambiente virtual que os alunos acessam os vídeos, os textos e participam das atividades. Anteriormente falamos da importância dos relatórios de participação nessas atividades, e fica claro a seguir que a ULBRA manifesta preocupação quanto a isso: “o professor [tutor] coordena e participa das atividades, zelando pela caminhada de seus alunos através de **relatórios e indicadores de desempenho** [grifo nosso] que o permitem acompanhar e auxiliar quando houver dúvida ou desmotivação” (idem). As avaliações previstas são discursivas e objetivas, ou seja, somativas e formativas, totalmente a distância, e também uma avaliação final, objetiva. Novamente não fica claro se as participações nas atividades *on-line* serão utilizadas no cálculo das avaliações. Supõe-se que não, a menos que elas façam parte das avaliações discursivas. De qualquer forma, isso não está especificado.

Já a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, mais conhecida por UNIJUÍ, trabalha com uma grade bem diversificada de cursos, entre bacharelado, licenciaturas e tecnólogos. Praticamente citando os referenciais do MEC, a UNIJUÍ afirma que a “Educação a Distância totalmente *on-line* requer a presença apenas nos exames, [...] estágios, atividades em laboratórios e defesa de trabalho de conclusão de curso”². Lembrando que essa é a exigência legal. Nenhum curso autorizado pelo MEC pode funcionar sem o atendimento a essas exigências. A UNIJUÍ também faz uso de um ambiente virtual de aprendizagem, o Conecta Unijuí, que “contém as aulas e também as ferramentas de comunicação entre alunos e professores, e dos alunos entre si”.

particulares. O *Moodle* tem código aberto e é completamente livre para uso.” MOODLE. Disponível em: <<http://moodle.com>> Acesso em: 14 mar. 2012. Tradução nossa.

¹ Disponível em: <<http://www.ulbra.br/ead/sobre-a-ead>> Acesso em: 14 mar. 2012.

² Disponível em: <<http://www.unijui.edu.br/content/view/690/1341/lang.iso-8859-1/>> Acesso em: 14 mar. 2012.

No ambiente virtual muitas atividades serão realizadas, porém não há indicação de um sistema de acompanhamento ou validação.

No Conecta Unijuí você pode realizar seus estudos, obter material didático, realizar pesquisas, elaborar trabalhos, interagir com colegas e professores, tirar dúvidas, aprofundar conceitos, fazer suas avaliações, obter informações sobre o seu desempenho, corrigir seus métodos de estudo, e, principalmente, adquirir a sua formação profissional. (Idem).

Quanto aos métodos de avaliação, a UNIJUÍ é bem evasiva. Vejamos:

Um dos segredos para facilitar ao aluno um desempenho superior nos seus estudos é a avaliação. Se ela é realizada apenas depois de o aluno ter estudado muito conteúdo [avaliação somativa], este corre o risco de descobrir que seu aprendizado foi fraco, e que não consegue dar conta das provas. [...] O nosso sistema de avaliação busca evitar essas surpresas desagradáveis, pois ele é integral e contínuo [?]. (Idem).

Percebemos que as participações em atividades *on-line* são incentivadas e estimuladas, mas não há descrição de como isso ocorre. Também notamos ênfase na prova de conteúdos, a avaliação presencial obrigatória, e uma sugestão de que outras avaliações, formativas, deverão aparecer ao longo dos estudos. Porém, sem especificações imediatas.

Analisando os três casos, notamos que as avaliações pretendem ser “algo mais”, elas vislumbram metas de participação, interatividade e cooperação. Mas ainda alicerçam seus sistemas nos mecanismos tradicionais, as provas objetivas e somativas, sobretudo porque há uma vigilância legal sobre essa aplicação. E já que o próprio Ministério da Educação confirma a soberania da prova presencial sobre as virtuais, os cursos escrevem seus programas com base nessa condição. Há espaços para interação, bem desenvolvidos e completos, como o *Moodle* e o *NetAula*, porém estão simplesmente “disponíveis”, ao acesso livre do aluno. Em alguns casos, a participação é incentivada, mas quase nunca cobrada e “somada” às notas finais. Isso reduz consideravelmente o potencial desses espaços virtuais, pois o aluno sentir-se-á pouco à vontade para participar de uma atividade se não percebe a interação imediata ou a resposta do tutor e dos colegas. Para um efetivo e pleno funcionamento dos AVAs, é preciso investir não só em “convites” gerais e livres, mas em “convocações”, alinhando as atividades *on-line* ao material que é estudado pelo aluno. Uma metodologia híbrida de avaliação, que envolva as provas somativas, obrigatórias por lei, os testes

periódicos formativos ou diagnósticos e a participação em fóruns, enquetes e *chats*, entre outros (participação regulada e verificada pelos relatórios que citamos), poderá ser mais eficaz no atendimento dos objetivos educacionais em cursos a distância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As avaliações educacionais continuam sendo o centro de debates e controvérsias. E não poderia ser diferente, pois o jogo de forças, entre avaliados e avaliadores, aproxima e afasta os objetivos educacionais, que são permeados por múltiplos interesses. Professores e tutores estão no meio de conflitos, desejos, sonhos e imposições do mercado. O sistema de ensino como um todo cresce a cada ano e a EAD, por sua vez, mantém um desenvolvimento acelerado. Hoje, no Brasil, um em cada sete estudantes de graduação estuda na modalidade a distância, segundo dados do Censo da Educação Superior de 2010. Ao todo, são mais de 900 mil alunos, cerca de 15% do total de matrículas¹. A demanda é crescente e as instituições, alinhadas com o mercado, buscam novas estratégias para seus programas de ensino.

Ancoradas pelas exigências do Ministério da Educação e seguindo uma tradição de décadas no ensino, as instituições mantêm avaliações somativas, ainda que periódicas, que procuram “medir” os conteúdos apreendidos pelos alunos. Quase sempre são provas e exames objetivos que não conseguem averiguar o quanto um estudante avançou, nas habilidades e competências previstas para o curso ou matéria. Outras avaliações, que ao menos diversificam o sistema, são empregadas pela maioria dos cursos. São avaliações formativas, que possibilitam maior interatividade e colaboração (trabalhos em grupo, por exemplo). Apesar disso, os ambientes virtuais de aprendizagem, que dão suporte aos cursos, não são efetivamente utilizados. O principal motivo é a falta de acompanhamento pelos tutores ou professores e, sobretudo, a quase ausência de inclusão desses dados no levantamento do desempenho do estudante. Ao prever a participação livre e voluntária do aluno, os cursos abrem espaço para um uso eventual, protocolar e até burocrático desses sistemas

¹ Cf. “Um em cada sete universitários estuda a distância no Brasil”. Disponível em: <<http://www.acheseucurso.com.br/um-em-cada-sete-estudam-a-distancia.aspx>> Acesso em 1º mar. 2012.

virtuais. É verdade que se espera um estudante ativo e independente, porém o amadurecimento pode ser lento e não deve ser forçado. Ou seja, em cursos EAD ainda temos muitos alunos com o perfil de estudante tradicional, que aguarda conteúdos e acompanhamento dos professores.

O Ensino a Distância, apoiado pelas TIC, existe há relativamente pouco tempo e cresce muito rapidamente, mais rápido que o desenvolvimento do aluno. Assim as avaliações precisam trazer métodos tradicionais, como as provas somativas, trabalhos diversificados, sobretudo em grupo (as avaliações formativas, para incentivar a interação e a colaboração) e o acompanhamento, aliado à cobrança constante, do “nível” ou “intensidade” de participação desse aluno nas atividades *on-line* disponíveis: enquetes, fóruns, *chats*, textos colaborativos (*wikis*) e outros. A autonomia é uma conquista, não pode ser antecipada, demanda tempo e convivência em grupo. E quase sempre o estudante aguarda um *feedback* mais profundo e humano de seu professor. Assim, avaliar se torna acolher, envolver o estudante com afeto e interesse. Como dito por Cipriano Luckesi (2005), a avaliação é um ato amoroso, que abraça e mostra o caminho. Avaliar é incluir, somar e ampliar. Trazer o outro para si e almejar o crescimento mútuo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Fascículo 11).

BLOOM, Benjamin S.; ENGELHART, Max D.; FURST, Edward J. et. al. **Taxionomia de objetivos educacionais**. 7. ed. Porto Alegre: Globo: 1979. (1 Domínio Cognitivo).

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622.htm> Acesso em: 14 mar. 2012.

DA SILVA, Angela Carrancho (org.). **Aprendiz@gens em @mbientes virtu@is e educação a distância**. Porto Alegre: Mediação: 2009.

DIAS, Rosilâna Aparecida; LEITE, Lígia Silva. **Educação a distância: da legislação ao pedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio – uma perspectiva construtivista**. 18. ed. Porto Alegre: Mediação, 1995.

_____. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

JANSEN, Letácio. Um breve ensaio sobre o valor. Revista Eletrônica de Direito Administrativo Econômico (REDAE), Salvador, Instituto Brasileiro de Direito Público, n. 14, mai-jul., 2008. Disponível em: <<http://www.direitodoestado.com.br/redae.asp>> Acesso em: 09 mar. 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MORAN, José Manuel. O que é educação a distância. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>. Arquivo capturado em 07 mar. 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Referenciais de qualidade para a educação a distância. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf>. Arquivo capturado em 14 mar. 2012.

TYLER, Ralph W. **Princípios básicos de currículo e ensino**. 5. ed. Porto Alegre: Globo: 1978.

Recebido em 17 de setembro de 2018.

Aceito em 30 de setembro de 2018.